

#cm
2

TERÇA-FEIRA



O INFERNO E NO MAM

Trinta e cinco anos após fazer história no Museu de Arte Moderna (MAM-Rio), a **coreógrafa Regina Miranda** revisita a “Divina Comédia”, **clássico de Dante Alighieri (1265-1321)** em uma **nova e imersiva instalação cênica** que reúne 120 artistas. Assim como em 1991, a **montagem ocupa os jardins e pilotis do museu**. Em entrevista ao Correio, **Regina revela** o que a levou a voltar ao espetáculo.

Páginas. 2 e 3

ENTREVISTA | REGINA MIRANDA

COREÓGRAFA, ENCENADORA E CINEASTA

‘O que de nós atravessa o tempo?’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

N um momento de conexão radical com os códigos do cinema, depois de filmar “Escritas De Resistência: Mulheres em Auschwitz” (2025), a multiartista do movimento Regina Miranda (um pilar nacional do ofício da coreografia) entrou em modo “De Volta Para o Futuro” em sua rota de pesquisas num reencontro com um marco da literatura universal e com seu pretérito mais que perfeito em palcos – inclusive alguns nada usuais. Há trinta e cinco anos, ela fez história, no Museu de Arte Moderna (MAM-RJ), no Aterro, com um espetáculo decalcado de “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri. Três décadas e meia depois, ela retorna aos quintos da invenção do bardo renascentista, mas numa nova abordagem.

Seu projeto atual se chama “A Divina Comédia: Ritrovai (reencontro) - Rivedere (reimaginação)” e terá duas únicas apresentações, e ambas nesta quinta (30), às 18h e às 20h. A apresentação, sob a direção geral de Regina, vai reunir 120 intérpretes de diferentes gerações numa grande instalação cênica imersiva que ocupará 16.500m² dos jardins do MAM Rio.

A encenação conta com artistas que participaram da montagem original numa troca artística com jovens atuantes da cena carioca, formando um elenco com intérpretes dos 12 aos 90 anos.

Inspirado no poema de Dante, o espetáculo transforma Inferno, Purgatório e Paraíso em experiências espaciais e sensoriais atravessadas pelas urgências contemporâneas. O Inferno como os estados de desesperança frente a crises ambientais, visões extremadas de mundo e apagamentos culturais. O Purgatório como território de reflexão, esforço e reconstrução. E o Paraíso como a necessidade humana de imaginar e encarnar beleza, encontro, transcendência.

O espetáculo celebra ainda os 45 anos de atuação e mais de 60 obras cênicas da Cia. Regina Miranda & AtoresBailarinos, reunindo seu núcleo artístico - Marina Salomon, Patrícia Niedermeier, Adriana Bonfatti, Ana Bevilaqua e Lúcia Tourinho. Virgílio é vivido por Edi Botelho. Dante do Inferno é vivido por Fabiano Nunes, e do Purgatório por Daniel Herz. Christiana Guinle dá vida a Francesca da Rimini. Maria Alice Poppe é Esmirna; Lourival Prudêncio e Rafael Telles são o Minotauro; a cantora lírica e bailarina Doriana Mendes é a Artista Vitrificada; Rodolfo Brandão interpreta Lúcifer - como na primeira montagem. No Purgatório, Fernando Bicudo vive um dos 7 Anjos; Carolyn Aguiar é uma das Ninfas do Eden; a cantora Leila Maria, vive um Anjo, como na primeira montagem. Estão ainda no elenco Ruth Mezeck, atuante na primeira, e agora com 90 anos.

No Paraíso, integram o elenco 12 meninas do Projeto ENTRARTE / GRC Escola de Samba Mirim Crias da Imperatriz (@criasdaimperatriz_oficial). Diversidade não falta a esse coletivo, numa dinâmica que tem Marina Salomon como diretora associada. As já citadas Adriana Bonfatti e Ligia Tourinho são diretoras assistentes.

No papo a seguir, Regina faz um balanço das aprendizagens e da encantarias já reunidas no ensaio desse experimento singular.



Luis Cancel/Divulgação

O que significa reencontrar “A Divina Comédia” não mais como texto, mas como um projeto estético de ocupação especial?

Regina Miranda - Trinta e cinco anos após a criação da nossa instalação cênico-coreográfica no MAM, que se tornou um marco nas artes da cena do Rio de Janeiro, somente me decidi a reencontrar “A Divina Comédia” quando percebi que o poema permanecia vivo em mim, de uma maneira diferente daquela que me levou a abordá-lo em 1991. Agora, para além da curiosidade sobre seus personagens, do encanto pela riqueza e grandiosidade de suas paisagens e por sua incontestável beleza poética, existia em mim uma nova motivação, que eu poderia resumir em uma pergunta: “O que de nós atravessa o tempo?”. Esta pergunta me levou de volta à montagem de 1991, entendendo que a memória não recompõe um acontecimento e que cada tempo traz novas perguntas e pede novas formas.

A criação atual nasce dessa nova indagação, tão pertinente ao meu momento de vida, e do encontro entre duas temporalidades: a memória da obra e a experiência do presente.

O que Dante te oferece como caminho para entender o Presente?

Penso que, hoje, a travessia proposta por Dante há 700 anos pode oferecer a interrogação como caminho. Quais as intensidades preponderantes em nossa vida? Como tratamos nossos afetos, escolhemos prioridades e, principalmente, como refletimos e acolhemos (ou não) os nossos estados extremados e as nossas zonas sombrias e tenebrosas? E as questões de transcendência, mistério e desdobramentos de mundos? Que lugar tem essas questões em tempos de instantâneos e compensações imediatas? Interessou-me pensar Inferno, Purgatório e Paraíso como dimensões que coexistem e atravessam a experiência



Inspirado no poema de Dante, o espetáculo transforma Inferno, Purgatório e Paraíso em experiências espaciais e sensoriais atravessadas pelas urgências contemporâneas



O espetáculo celebra ainda os 45 anos de atuação e mais de 60 obras cênicas da Cia. Regina Miranda & AtoresBailarinos, reunindo seu núcleo artístico



Carol Pires/Divulgação

'A Divina Comédia' volta aos jardins do MAM; abaixo, registro da montagem original



Reprodução

to ao arco conceitual do poema de Dante Alighieri, quanto ao momento presente deste reencontro. Embora os diálogos entre Dante e Virgílio possam ser percebidos como um fio condutor, a obra não se oferece como um único percurso, mas como uma constelação de experiências diversas. O público tem a possibilidade de percorrer a instalação como quem atravessa uma paisagem. Pode ainda escolher um recanto e meditar envolvido pela música e pelas tramas entre corpo e luz. Cada deslocamento produz relações diferentes entre os acontecimentos que ocorrem simultaneamente. Cada pessoa constrói seu percurso, aproxima acontecimentos, cria vínculos entre imagens e leva consigo uma composição singular.

Qual é o engenho de direção por trás dessa mobilização coletiva? Como manter essa multidão em sintonia?

Não penso essa mobilização como resultado de uma liderança capaz de coordenar uma multidão. Prefiro entendê-la como a construção de um campo de atenção compartilhado. Nosso processo começou por uma ideia que despertou um desejo potente. Na "Divina Comédia", esse desejo vinha impulsionado por um certo desassombro diante do risco, da escala e do formato pouco usual. Atravessar - em conjunto - um poema de setecentos anos, ocupar os 16.500m2 dos jardins do MAM, reunir gerações distintas de artistas, reimaginar uma obra feita de dezenas de ações simultâneas. Tudo isso já continha uma força mobilizadora. Mas o desejo, sozinho, não sustentaria um processo dessa dimensão. Talvez o que mantenha este grande coletivo em sintonia seja uma forma de trabalho desenvolvida na Cia. Regina

Miranda & AtoresBailarinos ao longo de décadas. Completamos 45 anos e nosso núcleo criativo (e de produção) permanece junto há muito tempo. Essa permanência não acontece porque compartilhamos uma estética fixa. Talvez seja porque desenvolvemos uma maneira comum de investigar e um intenso respeito e admiração pela autonomia com conexão.

Que caminhos vocês têm constituído para o fazer artístico?

Ao longo desses anos, construímos uma linguagem própria de teatro coreográfico, calcada no reconhecimento de qualidades de presença, modos de relação, intensidades, ritmos e organizações espaciais. Nela, o corpo, para além de um instrumento expressivo, passa a ser um modo de conhecer e estar. Pensar e falar não acontecem antes ou depois do movimento, mas durante a ação. O ensaio é simultaneamente lugar de aprendizagem e produção de conhecimento e afeto. Essa perspectiva transforma também a ideia de direção. Nunca me interessou organizar um conjunto de pessoas para que todas fizessem a mesma coisa e "do meu jeito". O que me interessa é criar condições para que cada intérprete encontre sua própria potência dentro de um campo estético comum. A sintonia nasce justamente da capacidade de perceber a si e em si a relação com o outro, o espaço e o acontecimento - em tempo real. É uma escuta corporal aguda e uma inteligência relacional rizomática.

O que essa escuta gera?

Talvez seja essa a engenharia invisível do trabalho: produzir um ambiente onde autonomia e interdependência deixam de ser instâncias opostas. Quanto mais cada artista se apropria daquilo que faz, maior se torna sua capacidade de sustentar o coletivo. A sintonia emerge das relações. Existe ainda um outro aspecto que reconheço mais intuitivamente do que racionalmente. Tenho facilidade para perceber desejos e ideias que parecem "estar no ar" antes de se tornarem evidentes. Minha avó dizia que eu intuía o que ainda iria "virar moda". Anos depois, minha professora de Geometria descreveu essa mesma qualidade como um conhecimento intuitivo encarnado. Gosto dessa expressão porque ela aproxima intuição e experiência. A intuição não surge do acaso, mas da convivência prolongada com um campo de questões. Atualmente, percebo um desejo crescente de reencontro com um sentido de coletividade, com uma vivência mais expansiva.

Aonde esse desejo te leva?

Sobretudo em meio a uma valorização das artes apenas como entretenimento, sinto nas pessoas - artistas ou não - uma vontade renovada de experimentar o corpo como lugar de criação, mistério, presença, ação e pensamento compartilhado. Mesmo assim, quando publiquei uma breve nota dizendo que pensava reunir novamente o elenco da montagem de 1991 para uma celebração cênica, não imaginei a resposta que receberia. Além de artistas da primeira montagem, vieram muitas, muitas outras pessoas. Hoje são 124 intérpretes, entre doze e noventa anos, de corporalidades e experiências de vida e arte muito diversas, além de cerca de oitenta colaboradores na equipe técnica e de criação. Tod@s trabalhando colaborativamente. Essa dimensão continua me espantando. E é profundamente arriscada.

Como dimensionar esse risco?

As artes da cena trabalham com a matéria mais instável que existe: a presença. Não importa o que aconteça, em cena o corpo permanece em estado de atenção criativa. Cada acontecimento inesperado precisa ser incorporado à própria dinâmica da obra. O erro precisa deixar de ser interrupção e passar a fazer parte do jogo. Talvez seja por isso que eu acredite tanto na potência do teatro e da dança. Essas artes nos ensinam que a inteligência não consiste em controlar tudo, mas em responder criativamente ao que emerge. Inclusive a lidar com a ausência, para mim talvez a mais difícil das instâncias, que aliás venho pesquisando desde 2016, com a instalação P.O.E.M.A.

Como definir tanto aprendizado que "A Divina Comédia" volta a te trazer?

Talvez a palavra que melhor acompanhe e aglutine esse processo seja travessia. Não apenas a de Dante, mas a travessia de um poema escrito há 700 anos, da memória de uma criação realizada há 35 anos, dos belos jardins de um museu, do encontro entre centenas de artistas e espectadores. Aos poucos, compreendo que a travessia deixou de ser um tema da obra. Tornou-se o modo como ela existe.

SERVIÇO

A DIVINA COMÉDIA: RITROVAI (REENCONTRO) - RIVERDERE (reimaginação)
MAM Rio - Museu de Arte Moderna do Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 30/7, às 18h e às 20h | Ingressos: R\$ 160 e R\$80 (meia)

humana. Não como lugares... ou etapas sucessivas e hierárquicas, mas como estados que se manifestam nos corpos, nas relações, nas cidades e nas formas de convivência, muitas vezes presentes num mesmo dia, na mesma pessoa. A ideia de uma cosmologia horizontal - e não vertical como em Dante - surgiu durante essas reflexões e reorganizou o espaço da encenação, que precisaria traduzir esta ideia de equidade emocional e, assim, escolhi voltar ao MAM e criar o trabalho em seus jardins, dialogando com sua arquitetura e seus espaços de passagem, suspen-

são e circulação de ar e luz. A proximidade entre natureza e espaços construídos deixou de ser cenário para se tornar matéria dramaturgica. E caminhar pelo espaço passou a ser uma forma de pensar.

De que forma esse retorno à Dante afina seu modo de observar, de escutar, de trocar?

A nova realização privilegia a escuta e a ressonância, propõe uma travessia cênica que recria o espaço por meio de modulações coreográficas, sonoras, visuais e teatrais e pretende responder, tan-

‘Eu sempre acreditei em artistas que documentam quem eles são’

Jão retorna após hiato e quer ressignificar sua história no disco ‘Memórias Póstumas’

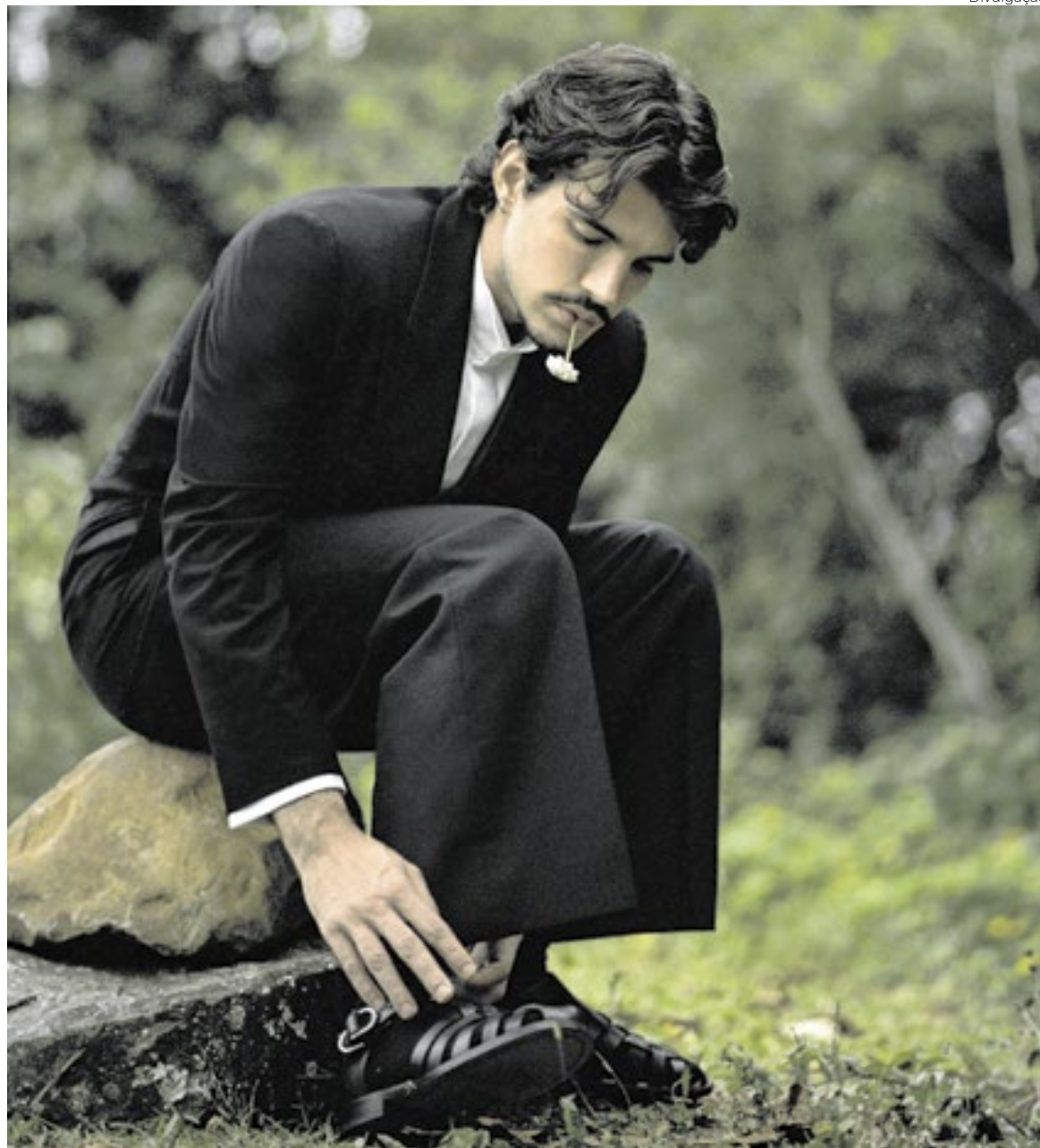
MANUELA MOURÃO
Folhapress

E Jão está parado no trânsito quando uma senhora de cabelos brancos quebra a janela de seu carro e o encara. “É engraçado que as coisas mais horríveis do mundo aconteçam em dias comuns. Que nascem com Sol, com cheiro de pão”, narra uma voz. “O cotidiano é traiçoeiro, leva sem aviso e depois fica ali, lembrando.” É assim que começa o trailer que anunciou “Memórias Póstumas”, o quinto disco do cantor, lançado neste domingo (26).

O vídeo, que mistura linguagem cinematográfica e referências literárias, funciona como uma introdução ao universo do álbum - a senhora, que em outro momento saca uma arma e atira no companheiro de almoço de Jão, seria uma personificação da morte.

O retorno acontece depois do maior momento da carreira do cantor. Em janeiro de 2025, Jão encerrou a turnê do disco “Super” com shows lotados no Nubank Parque, antigo Allianz Parque, em São Paulo. Antes disso, passou por outros espaços de grande porte do país.

Em meio ao afastamento, o artista perdeu o pai. Nessa época, deixou São Paulo e voltou a morar no interior paulista, ao lado da família. Foi ali, distante da rotina da carreira, que passou a questionar a própria relação com a música. “Eu não queria ouvir música”, afirma ele agora. “Eu estava me sentindo um pouco infeliz de estar ouvindo música, fiquei um pouco sem perspectiva da



Divulgação

Jão conta que agrupar as ideias centrais e as canções de ‘Memórias Póstumas’ levou um ano e meio

minha carreira, de como eu queria seguir, se eu queria seguir.”

A reconciliação aconteceu de madrugada. Correndo pelas ruas da cidade onde cresceu, Américo Brasiense, ouviu “Virgin”, álbum da cantora neozelandesa Lorde, e começou a chorar. Diz que naquele momento entendeu que a música continuava sendo sua linguagem mais natural. “Depois desse dia, comecei um grande vômito de coisas que eu precisava dizer.”

Transformar esse conjunto de ideias em álbum levou um ano e meio. O trabalho voltou a reunir seus parceiros Pedro Tófani, namorado do cantor, e o produtor Zebu, com quem diz ter desenvolvido uma espécie de linguagem própria. “A gente passa muito tempo escolhendo a caixa da música, o timbre da bateria, do violão. O ‘funciona



Divulgação

me mata. Se funcionou, qualquer pessoa faz funcionar. Eu quero fazer o que serve melhor à música.”

Desde a estreia, em “Lobos”, de 2018, sua discografia foi organizada quase como uma narrativa fechada. Jão costumava dizer que seus quatro

primeiros álbuns correspondiam aos quatro elementos da natureza - terra, ar, água e fogo -, não apenas na identidade visual, mas também na maneira como o cantor entendia cada momento da própria vida.

As mudanças de estética se tornaram uma marca da carreira, replicando o que grandes divas do pop internacional fazem, com suas “eras”. A cada lançamento, mudavam as cores, a direção de arte, os figurinos e o universo simbólico que acompanhava as músicas. Para o cantor, eram uma forma de documentar quem ele era naquele instante. “Se você pegar uma linha do tempo da minha vida, eu sou pessoas muito diferentes em todas elas, e eu acho que eu enxergo isso em mim, mas acho que todo mundo é um pouco assim”, diz. “Eu sempre acreditei em artistas que documentam quem

eles são. Gosto de ver como a pessoa cresce, muda de perspectiva, fracassa, volta. É muito humano.”

Pela primeira vez, Jão diz não saber exatamente em que lugar enquadrar o próprio trabalho. “Ele tem mais poder de me contar agora, a partir do momento em que eu o lanço, do que eu tenho para decidir o que ele é.”

O cantor afirma que este é “um álbum das palavras”. Para ele, as músicas nasceram da necessidade de reorganizar o significado das coisas depois de um período em que a própria vida parecia ter perdido sentido. “Vivi algumas coisas que me fizeram entender a insignificância das coisas, primeiro do lado negativo e depois do lado positivo. Se as coisas não têm significado nenhum, então eu dou significado para elas. É um álbum das palavras. Eu queria recontar a minha história da minha maneira.”

O título, inspirado em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, surgiu muito antes de o disco existir por completo. Jão diz que costuma descobrir o nome dos álbuns antes mesmo de saber exatamente quais músicas farão parte deles.

Voltar ao interior - que tanto quis escapar um dia - também mudou a sonoridade do trabalho. Jão conta que não pretendia fazer um disco nostálgico nem prestar homenagem a uma década específica, mas percebeu que as músicas brasileiras que ouviu durante a infância começaram a aparecer naturalmente nas composições. “Quando eu fui para lá e comecei a virar de novo essa pessoa que era de lá, entendi que eu sou fruto daquele lugar.”

Foi nesse período que voltou a escutar “Memórias, Crônicas e Declarações de Amor”, de Marisa Monte, primeiro disco que diz ter ouvido de cabo a rabo por escolha própria. A memória afetiva ajudou a explicar por que instrumentos, timbres e imagens ligadas ao interior aparecem de maneira quase intuitiva em “Memórias Póstumas”, como sons de sanfona, imagens que remetem à casa da avó e letras sobre uma cidade interiorana.

Apesar de o luto atravessar parte do álbum, Jão evita tratar as canções como um processo de cura. Diz que elas canções não o ajudaram a entender essa perda. Quase dez anos depois de despontar como um dos grandes nomes do pop brasileiro, o cantor diz que aprendeu, acima de tudo, a dizer não. E que as decisões mais importantes da carreira foram justamente aquelas em que recusou caminhos rápidos ou fáceis.

O afastamento dos palcos e das redes foi difícil pois interrompeu uma relação que Jão cultivou durante quase uma década com os fãs. “Senti muita falta deles. Me senti culpado, como se tivesse abandonado a confiança que eles depositaram em mim. Eu entendia que precisava daquele tempo, e acho que eles entenderam também, mas era quase uma sensação paternal.”

O cronista de si mesmo que acredita no imprevisto



Guiado pelo acaso, Maurício Pereira lança 'O Dia da Girafa', primeiro disco de inéditas em oito anos

AFFONSO NUNES

Ele sempre foi um homem da palavra — daqueles que enxergam na crônica cotidiana da cidade uma fonte inesgotável de personagens e flagrantes. Mas desta vez o cenário mudou de endereço: em vez das ruas de São Paulo, Maurício Pereira foi buscar matéria-prima dentro da própria cabeça. Cantor, compositor e saxofonista, ele lança nesta quarta-feira (29) "O Dia da Girafa", seu primeiro disco de canções inéditas em oito anos — o mais recente havia sido "Pra Onde Que Eu Tava Indo", de 2014, sem contar o intervalo ocupado por

"Micro" (2022), trabalho de releituras.

As dozes faixas nasceram de cadernos preenchidos durante o isolamento da pandemia, quando Maurício escrevia sem compromisso, apenas para não enlouquecer. "Durante a pandemia, para não ficar louco, eu escrevi a esmo, sem compromisso, só sobrevivência", conta. O resultado é um disco lyricamente menos linear que boa parte de sua obra, no qual o cronista das ruas dá lugar a um poeta que tabela pensamentos entre quatro paredes.

A produção ficou a cargo de Biel Basile, também na bateria, com coprodução de Chico Bernardes nos violões — um dos dois filhos de Maurício envolvidos no projeto, ao lado do irmão Tim Bernardes. Completam a banda Fábio Sá no baixo elétrico, Julia Toledo no piano elétrico e Tonho Penhasco na guitarra. Foi Basile quem enxergou canções em registros que nem sequer tinham a pretensão de virar disco. "A mão delicada do Biel está na raiz dessa sonoridade que o disco tem, um pouco analógica, delicada, refinada, e ao mesmo tempo descomplicada. É um disco simples; não tem nada de estrondo-

Em 'O Dia da Girafa', Maurício Pereira reúne faixas nascidas de anotações produzidas sem compromisso no inquietante período da pandemia

“Ao longo dos anos, eu tenho deixado o acaso trabalhar cada vez mais. De repente, eu tinha essa banda”

MAURÍCIO PEREIRA

so, nenhuma grande invenção; é um disco de canções artesanais”, define o compositor.

Ter os dois filhos como colaboradores não é força de expressão — é também reencontro

geracional. Tim, que assina o arranjo de metais e divide a parceria de "Eu Trago o Coração Vazando", chega ao disco pela banda O Terno, da qual Basile também faz parte. "Tem o lado da intimidade, o fato de eles serem meus filhos, e tem o outro lado, que são músicos interessantes", pondera Maurício.

O elenco reúne ainda parceiros de décadas, como Tonho Penhasco, e estreias como Romulo Frões, com quem assina "Casamata de Amoreiras", primeiro single do disco. "Quis botar um homem sozinho e trancar ele por dentro. E ver como a poesia reagia a isso", explica. Já a faixa-título nasceu em meio ao noticiário da pandemia, quando imagens díspares se costuraram na cabeça do compositor — uma nuvem de gafanhotos, uma greve, o céu azul apesar da atmosfera de peste. "Me pareceu uma imagem forte, porque é uma música forte no disco", diz.

Há também espaço para memória afetiva: em "Professora de Melancolia", parceria nascida de uma conversa on-line durante a pandemia, Maurício revisita a lembrança da mãe, professora de piano, e do instrumento que

pertencia à tia. "O mistério de aprender, a charada de ensinar: passar conhecimento sem dar a perceber. O resto é letra de música", resume. Já em "Caquinhos", faixa instrumental garimpada por Basile entre os arranjos do compositor, a referência é o engenho popular paulistano de criar pisos com sobras de cerâmica — "esse engenho brasileiro de criar com muito pouco nas mãos, enxergar a arte onde parece impossível de ela estar", compara.

O disco se fecha em círculo: depois de abrir com "Uma Vida Standard", retoma a mesma canção em versão acústica no encerramento, mais singela, como quem volta ao ponto de partida com outro olhar.

Para Maurício, todo esse mosaico de vozes e gerações só funciona porque a palavra segue no comando. "Eles têm que vestir as letras, têm que achar clima emocional para as letras", diz sobre os músicos que o acompanham. E resume o processo criativo com a mesma naturalidade de quem aprendeu a confiar no imprevisto: "Ao longo dos anos, eu tenho deixado o acaso trabalhar cada vez mais. De repente, eu tinha essa banda."



AD Vitam Distribution

'O Pântano' (La Ciénaga) foi laureado na Berlinale de 2001 e pode ser visto na MUBI



Divulgação

'Nuestra Tierra' joga seu foco na figura de Javier Chocobar, líder indígena assassinado

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Encravada no fértil Vale de Lerma, aos pés da Cordilheira dos Andes, situada a cerca de 1,2 mil metros de altitude, Salta é um dos principais polos culturais, econômicos e turísticos do noroeste da Argentina. Fica a cerca de 1,5 mil KM de Buenos Aires, o que dá duas horinhas de avião de distância – e cerca de 16 horas se a viagem for de ônibus. Fundada em 1582 pelo espanhol Hernando de Lerma, a cidade preserva um dos mais ricos conjuntos de arquitetura colonial do país, o que lhe rendeu o apelido de “Salta, la Linda”.

Com cerca de 620 mil habitantes, essa zona se destaca também por sua posição estratégica nas ligações com a Bolívia e o norte do Chile, além de abrigar universidades, museus e um aeroporto internacional que a transformaram em uma das principais portas de entrada para o turismo andino argentino. Seu maior patrimônio artístico (em forma de gente), edificado dos anos 1990 para cá, chega ao Rio de Janeiro nesta terça: a cineasta Lucrecia Martel.

Eleita para o Panteão de vozes autorais da América Latina logo que estreou nos longas-metragens de ficção com “O Pântano” (“La Ciénaga”, em 2001), ela vai apresentar seu mais recente filme, o premiado documentário “Nuestra Tierra” (“Nossa Terra”) — lançado ano passado em pré-estreia mundial no Festival de Veneza — em sessão única neste 28 de julho, no Estação Claro Rio, em Botafogo, às 18h30.

Após a projeção, haverá um bate-papo entre a cineasta e o público, com mediação do cineasta Eduardo Valente. No dia seguinte (29/7), Lucrecia ministra uma masterclass gratuita no Teatro Sesc Ginástico, no Centro. Sua visita foi assegurada pelo FID:RIO – Festival Internacional de Artes e Cinema de Não Ficção do Rio de Janeiro, inaugurado na semana passada. O evento ocupa vários espaços culturais cariocas até o dia 2 de agosto.

A engenharia sonora das narrativas filmicas sempre ganha tratamento de luxo das mãos da realiza-

dora, em suas ficções e em projetos experimentais. É o que se nota em um dos seus exercícios cinematográficos mais recentes, “Cornucopia”, rodado a dois com a diretora Isold Uggadottir, a partir de um show da islandesa Björk. O filme anterior a esse, “A Camareira”, exibido na Mos-

tra de São Paulo de 2022, é um curta carregado de elementos fantásticos.

Vencedor do prêmio de Melhor Filme no London BFI, o Festival de Londres, “Nuestra Tierra” investiga o assassinato do líder indígena Javier Chocobar, em 2009, morto durante um conflito pela posse de terras

da comunidade Chuschagasta, na província de Tucumán, no norte da Argentina. O julgamento do crime vira o eixo da narrativa, mas nunca seu único horizonte. O que interessa a Martel não é apenas reconstruir um caso judicial, mas compreender as estruturas históricas que torna-

ram essa violência possível. Suas imagens falam sobre a luta por terras ancestrais e o legado de 500 anos de colonialismo.

“Quando eu era mais moça, eu costumava falar em classes sociais e suas diferenças, mas percebi que, hoje, o conceito político mais adequado à divisão da sociedade latino-americana seria ‘casta’, dado ao processo de concentração de renda que vemos no processo capitalista e a separação que ela gera entre pessoas que não se encaixam em determinadas faixas de renda”, disse Lucrecia ao Correio da Manhã quando lançou seu último longa de ficção, “Zama” (2017), produzido por Vânia Cattani (Bananeira Filmes) e pela El Deseo dos irmãos Almodóvar.

Presidente do júri de Veneza em 2019, quando “Coringa” ganhou o Leão de Ouro, Lucrecia é respeitada por suas reflexões feministas e pela mirada política contestadora que faz de seu continente. Esses elementos movimentam seu seminal curta “Terminal Norte”, lançado pela Berlinale, na Alemanha, em 2022, e hoje em cartaz na plataforma MUBI. No www.mubi.com, encontra-se ainda “A Menina Santa”, que foi indicado à Palma de Ouro de 2004 ao narrar os processos de amadurecimento de uma adolescente em meio ao clamor do desejo. Seu enredo é o mote para que a diretora examine a crise existencial da classe média argentina, o funcionamento da sociedade e a mecânica social sufocante de seu país, hoje assolado pela presidência de Javier Milei.

Seu prestígio como autora foi deflagrado com “O Pântano”, que saiu laureado da Berlinale de 2001 com (o hoje extinto) troféu de investigação de linguagem chamado Alfred Bauer. Também há como vê-lo na MUBI. Em seu roteiro, as vidas de duas famílias – uma de classe média urbana, outra de produtores rurais decadentes – estão entrelaçadas no estupro provincial de uma Salta caótica e imutável, onde nada acontece, mas tudo está prestes a explodir, qual a charneca que lhe serve de título. Duas grandes atrizes, Mercedes Morán e Graciela Borges, fazem parte de seu elenco. A forma como Lucrecia extrai dor das duas é uma aula de como dirigir forças da natureza.

Estação Martel

Cultuada como uma bússola de invenção no cinema latino, a diretora de ‘O Pântano’ vem à cidade, como convidada do FID:RIO, para falar da estética que renovou telas na Argentina



Divulgação

A diretora argentina Lucrecia Martel é o maior patrimônio artístico da região de Salta em forma de gente

Chicotadas em balõeszinhos

Marvel anuncia minissérie retomando as aventuras gráficas de Indiana Jones, com desenhos que redefinem o visual de Harrison Ford para repetir no papel o sucesso da franquia cinéfila

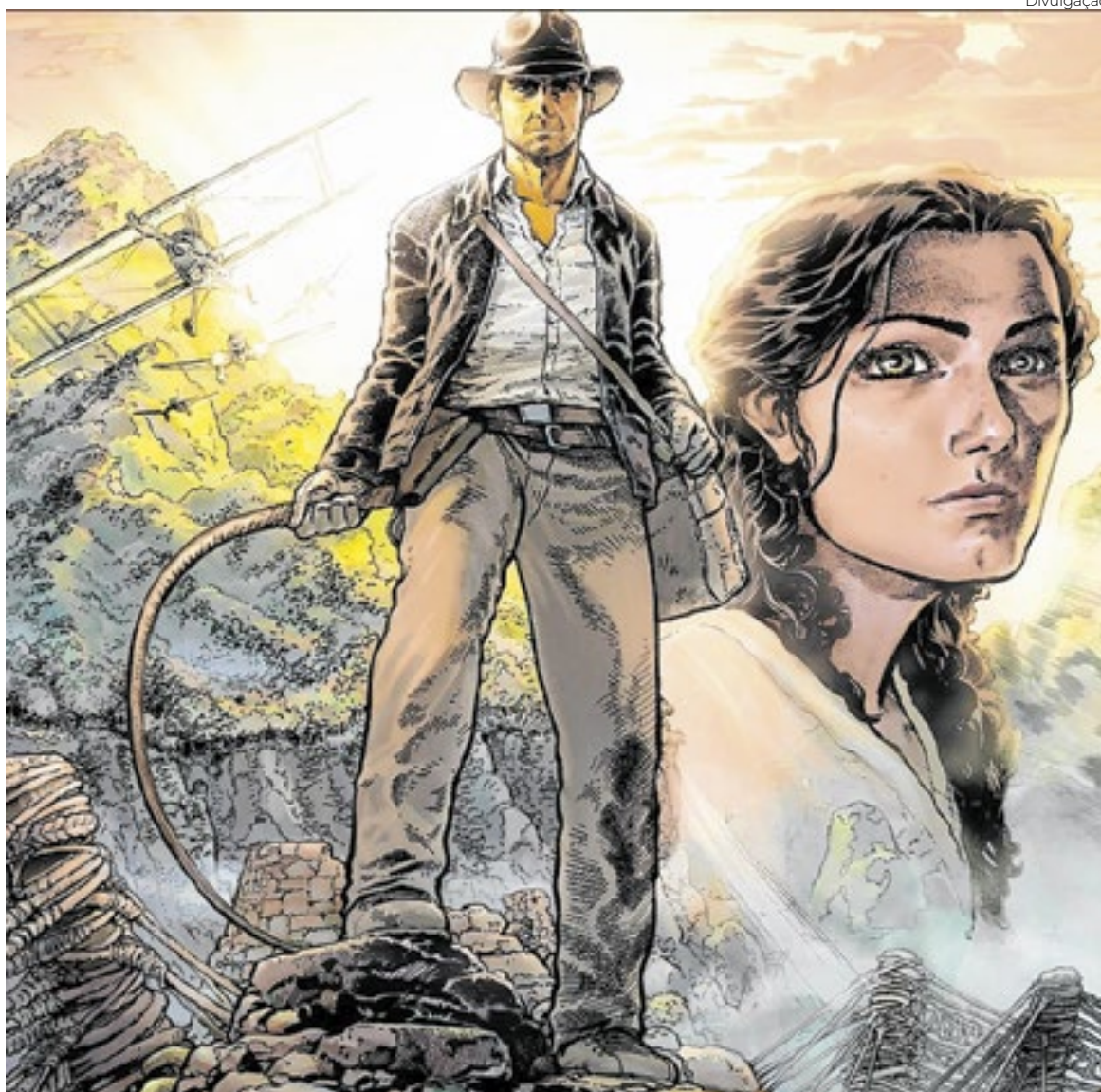
RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Envolvido em séries como “Falando a Real” (da Apple) e “1923” (da Paramount), Harrison Ford não teve muita sorte, nas telonas, no regresso de Indiana Jones, com “A Relíquia do Destino”, de 2023, que torrou uma baba para ser realizado (cerca de US\$ 290 milhões), sem faturar o suficiente para se pagar, com uma arrecadação estimada em US\$ 383 milhões. Mesmo sem “fechar a conta” das faturas abertas para realizá-lo, a Disney ainda fareja lucro nas peripécias do mais popular arqueólogo da cultura pop — só que noutra via.

O estúdio de Mickey Mouse tem uma sinergia com a Marvel Comics e é pelas vias dos quadrinhos que o herói de Ford vai voltar, com estilo gráfico. O mais bombástico anúncio da editora na San Diego Comic-Con — a maior convenção nerd da Terra, realizada na semana passa em San Diego — foi a saga “Indiana Jones and the Sword of Pandemonium” (“Indiana Jones e a Espada do Pandemônio”, em tradução livre). É uma minissérie que terá cinco edições, com roteiro de Jason Aaron e arte de Aaron Kuder, inaugurando uma nova era das histórias em HQ do icônico personagem. A trama será ambientada na cronologia dos filmes clássicos da franquia, rodados por Steven Spielberg.

Seu enredo se passa logo após



Divulgação



Divulgação



Divulgação



Divulgação



Divulgação

os acontecimentos de “Os Caçadores da Arca Perdida” (1981), numa celebração dos 45 anos desse longa-metragem até hoje popular. Depois da derrota sofrida naquele filme, alguns dos mais célebres inimigos de Indy — incluindo o retorno aparentemente impossível de um de seus maiores arquirrivos — passam a buscar uma nova e aterrorizante fonte de poder, para além dos desígnios de Hitler. O artefato, porém, acaba nas mãos de Marion Ravenwood, antiga companheira do aventureiro — papel de Karen Allen.

Diante da ameaça, Indiana Jones embarca em uma corrida pelos lugares mais remotos do planeta em busca de uma arma de natureza bíblica. A jornada promete colocar à prova tanto seus conhecimentos de arqueologia quanto seu tradicional ceticismo diante do sobrenatural. As capas dessas revisitinhas serão assinadas por Bryan Hitch, Aaron Kuder e Alex Ross.

Dos cinemas para os quadrinhos, Indiana Jones construiu uma trajetória editorial tão aventureira quanto suas expedições arqueológicas. Sua estreia nos balõeszinhos aconteceu na própria Marvel Comics, que adaptou os três primeiros filmes da franquia e, entre 1983 e

1986, publicou a série “The Further Adventures of Indiana Jones”, com 34 edições que expandiam o universo criado por George Lucas e Spielberg. Foi ali que surgiram vilões e personagens originais, transformando o arqueólogo num herói também das HQs. A partir de 1990, os direitos passaram para a Dark Horse Comics, que mergulhou ainda mais fundo na mitologia do personagem. Além de adaptar o cultuado game “Indiana Jones and the Fate of Atlantis”, a editora lançou minisséries como “Indiana Jones and the Shrine of the Sea Devil”, “Thunder in the Orient”, “Arms of Gold”, “Golden Fleece”, “Iron Phoenix”, “Spear of Destiny” e “Sargasso Pirates”, explorando aventuras inéditas situadas entre os filmes.

Também ganhou versão em quadrinhos a série televisiva “The Young Indiana Jones Chronicles”, enquanto “Indiana Jones and the Kingdom of the Crystal Skull” recebeu adaptação em 2008, acompanhada de uma linha voltada ao público infantil. Entre as curiosidades mais saborosas da fase Dark Horse está o encontro entre Indy e o universo de “Star Wars”: na história “Into the Great Unknown”, publicada em “Star Wars Tales” nº 19 (2004), o arqueólogo encontra os destroços da Millennium Falcon e o corpo de Han Solo, enquanto Chewbacca é confundido com o lendário Pé Grande.

No Brasil, a Panini Comics mantém vivo o legado gráfico de Harrison Ford também na pele de Han Solo. O veterano contrabandista segue estrelando aventuras inéditas em quadrinhos e a editora prepara a chegada de “Star Wars: Han Solo — Em Busca da Falcon”, novo álbum que entra em pré-venda no Brasil e recoloca o personagem clássico no centro das aventuras da galáxia muito, muito distante. Vale lembrar que Ford ganhar royalties toda vez que seu rosto é desenhado em HQs. É um troco perto de seu cachê. Mas, de grão em grão...

Na Comic-Con, a maior rival da Marvel, a DC Comics, empresa por trás do Batman, também trouxe boas novas para leitoras/es, anunciado novas sagas do caubói Jonah Hex, de Etrigan, o Demônio Saltador, da heroína com superpoderes animais Vixen e de Super-Choque. Falou-se lá também da animação “Knightfall”, baseada no best-seller “A Queda do Morcego”.

Quando o misterioso colosso do Mal conhecido apenas como Bane liberta toda a galeria de inimigos de Bruce Wayne do hospício-prisão conhecido como Asilo Arkham, o Cavaleiro das Trevas é levado ao seu limite físico e psicológico e tem sua espinha partida ao meio, sendo substituído pelo sanguinário Azrael. Rick Morales (produtor supervisor), Jim Krieg (produtor) e o ator Michael Mando (voz de Bane nos EUA) integram o anúncio desse desenho animado.



No reino dos bate-bolas

AFFONSO NUNES

Quem é do subúrbio carioca conhece a cena mais do que ninguém: o estouro dos fogos, o som das bolas batendo no chão, a fumaça colorida e, de repente, eles: os bate-bolas, também chamados de Clóvis. Figuras mascaradas, brilhantes, misteriosas, tomando a rua em bando. Para uns, susto. Para outros, encanto. Para milhares de cariocas, sinônimo de carnaval. Essa festa que nasceu nos quintais e galpões da Zona Norte, Oeste e da Baixada Fluminense agora se transforma na exposição “Clóvis: o rosto detrás da máscara”, em cartaz na Biblioteca Parque Estadual, no Centro.

A mostra reúne indumentárias completas e originais apresentadas por diversas turmas de bate-bolas do carnaval de 2026, entre elas a Turma Bem Feitos, Turma Bem Feitas, Turma Animação da Ilha do Governador, Velha Guarda de Paciência e Turma Empoderadas. Outros grupos também se fazem presentes por meio de adereços, registros audiovisuais e fotografias que exploram o corpo mascarado, o brilho, o som e o gesto como expressões estéticas e políticas de identidade. Haverá visita mediada na abertura e no encerramento.

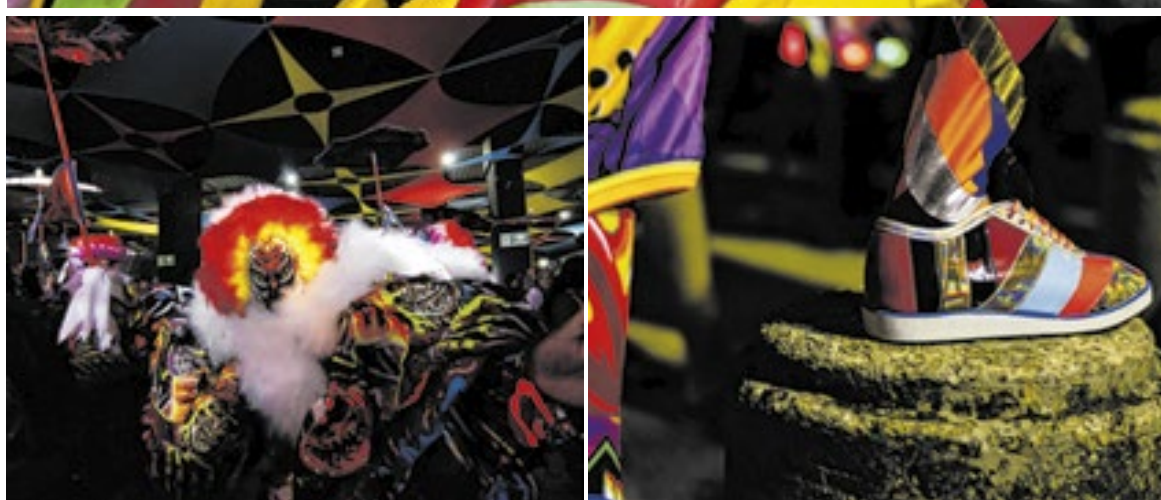
Reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial da cidade do Rio de Janeiro desde 2012, os bate-bolas estão entre as imagens mais fortes do carnaval carioca. Mas, para o curador Rennan Carmo, essa visibilidade ainda esconde muita coisa. “A ideia da exposição surge da oportunidade de debater como os bate-bolas são amplamente reconhecidos como imagem do carnaval carioca, mas pouco compreendidos a partir das pessoas que constroem essa manifestação. O projeto propõe deslocar o olhar da fantasia como espetáculo para a fantasia como processo e linguagem”, afirma.

Já para o idealizador, Felipe Soares, as roupas ajudam a contar, de maneira mais sutil, a importância dos bate-bolas, uma expressão

A mostra reúne fantasias originais de turmas do carnaval 2026, fotografias, vídeos e adereços relacionado à figura do Clóvis



Ramon Velasco/Divulgação



artística que nasceu nos subúrbios. “Falar por meio das roupas é fundamental porque elas concentram camadas: técnica, identidade, estética e pertencimento. A fantasia não é apenas um figurino, mas um dispositivo que transforma o corpo, organiza relações dentro da turma e comunica valores e narrativas do território”, destaca.

O percurso expositivo convida o visitante a viver dois tempos da festa popular. Na primeira parte, a rua: o grande palco das turmas, com as saídas coletivas numa profusão de cores, texturas e brilhos, resultado de quase um ano de trabalho entre a escolha do tema e o desfile. Na segunda, os bastidores: o universo íntimo e quase inacessível que fica por trás das máscaras, onde pintores, costureiras, aderecistas e produtores transformam quintais, varandas e galpões em verdadeiras famílias ampliadas. Com recursos próprios, os integrantes juntam suas economias durante meses para materializar o sonho.

A exposição também enfrenta um incômodo antigo: o estigma. Frequentemente associada à marginalidade ou à desordem, a cultura dos bate-bolas é apresentada como uma força legítima de expressão artística no espaço público, produtora, inclusive, de laços fraternais entre vizinhos, membros e turmas. “A exposição contribui para ampliar a compreensão do carnaval para além dos circuitos mais visíveis, jogando luz em manifestações que fazem parte do cotidiano de muitos territórios do Rio, mas que ainda são pouco valorizadas institucionalmente. O público pode esperar uma aproximação mais direta com os processos de criação, com as histórias das turmas e com a complexidade dessa prática”, afirma Rennan Carmo.

SERVIÇO

CLÓVIS: O ROSTO POR TRÁS DA MÁSCARA

Biblioteca Parque Estadual (Av. Pres. Vargas, 1261, Centro)
Até 21/8, de segunda a sexta
(10h às 17h)
Grátis